

HUGO GONÇALVES

ENQUANTO LISBOA ARDE,
O RIO DE JANEIRO PEGA FOGO

1

Cais de partida

Nada corria bem. Depois as coisas pioraram. Tive de preparar a mochila com a rapidez de um fugitivo numa cidade prestes a ser invadida por tribos bárbaras. Havia quem quisesse ajustar contas comigo, já não podia disfarçar as artimanhas dos meus expedientes. Pouco a pouco, começaram a perceber os truques da farsa. Eu era mercadoria de contrafação, tinha a integridade do corpo a prémio, precisava de sobreviver. Lisboa queria-me fora.

Havia em mim um impulso incendiário, uma voracidade para engolir tudo, uma incapacidade para a paz, para o silêncio e para os dias comuns. Mas também sabia cuidar, a sério que sabia, e, mesmo que Lisboa estivesse pronta para finalizar a primavera da prosperidade das últimas décadas, mesmo que o País antecipasse a queda, mesmo que o Tejo ameaçasse galgar a Baixa e começasse a inundar Portugal a partir de Lisboa, eu ia sentir falta da cidade e foi por isso que, na manhã da despedida, decidi cruzar a Praça do Rossio para ver, uma última vez, as vendedoras de flores, as turistas loiras de vestidos de alças e os ciganos que oferecem haxixe que nunca é haxixe. Arrisquei andar na rua e ser identificado por aqueles que gostariam de castigar-me. Subi o Chiado e as pernas estavam fracas, havia uma tristeza antiga na lentidão do sangue, uma ferida a céu aberto em que ninguém na Rua Garrett parecia reparar. Já não tinha quem acreditasse em mim.

Atravessei o Largo de Camões e o grito metálico do elétrico nos carris pareceu-me uma máquina de tortura nas catacumbas do Santo Ofício. Continuei a escalada, baixando a cabeça como quem entra num bordel e não quer ser reconhecido. Esperava, talvez, que alguma coisa me obrigasse a ficar, um pretexto, um antídoto para o falhanço.

Pensei ligar ao meu pai, talvez falar com o meu irmão, dizer-lhes que havia quem quisesse fazer-me mal, que me ia embora. Mas havia meses que não sabiam nada de mim, que faltava a jantares e evitava atender o telefone. Senti a vergonha daqueles que falham demasiadas vezes. Era preferível que ninguém soubesse da minha fuga.

Parei junto do elevador da Bica como fizera tantas vezes – em todas elas o mesmo espanto com o rio surgindo apertado numa rua a pique, apenas uma nesga de água entre os prédios que se assemelham à torre de um navio, a certeza de que a cidade por vezes se ergue do fundo do Tejo, coberta de limos e de lodo, para luzir numa manhã de verão. E lá estava o rio, mas desta vez pareceu-me escuro como um derrame de petróleo, perigoso como chumbo no organismo de uma criança.

Se continuasse em Lisboa, ficaria doente de tuberculose melancólica, sofreria ataques de pânico sempre que andasse na rua ou apareceria cadáver na mata de Monsanto. Por isso, estiquei o braço para um táxi. Entrei e disse: “Para o aeroporto.”

Desembarque/Arrivals

Um dia estava em Lisboa, com pressa para sair dali, e no dia seguinte estava no Rio de Janeiro, a morar numa cobertura com vista para o Redentor, sem hora para acordar. Embora não tivesse aonde ir todas as manhãs, abria os olhos bem cedo nas primeiras semanas de Brasil. O tempo de Lisboa ainda estava dentro de mim, um relógio adiantado quatro horas mantendo-me noutra cidade: as memórias da minha partida apareciam-me em sonhos, fazendo-me saltar da cama, obrigando-me a sair para a rua juntamente com os velhos insones e os atletas que correm ao nascer do sol. O meu corpo estava no Rio, pronto para encarar o que a cidade lhe prometia, mas algo em mim estava noutra fuso horário, preso no arame

farpado da fuga, algo que ficara para trás, uma ameaça, um bicho que voltaria a aparecer-me além dos sonhos, frente a frente.

Uma noite estava em Lisboa, sem trabalho e com as contas bancárias quase a zero, pronto para embarcar num avião, e na noite seguinte estava diante de Margot na fila para a casa de banho de um boteco do Leblon. No espelho, contemplei os seus cabelos escuros como um poço fundo de café, as sardas espalhando-se nos ombros, símbolo secretos, a contra-senha para aceder aos extraordinários engenhos do seu metabolismo de abelha rainha. Margot não falou comigo nessa noite, parecia mais interessada em beber caipivodkas e conversar com um dramaturgo que ficara famoso a escrever tele-novelas.

Quando a maresia noturna entrou pelas ruas da cidade e esfriou as mesas do boteco, Margot usou uma canga de praia para cobrir a cabeça e os ombros. Margot: Maria Madalena da minha ressurreição, Cleópatra com *eyeliner* tatuado, Tágide dos botecos e primeira mulher do sultão.

Ela levantou-se, o dramaturgo pagou a conta e apanharam um táxi. Passariam várias semanas até que soubesse o seu nome e ouvisse a sua voz. Não sabia ainda nada sobre Margot, a importância dela para o que viria depois. Mas, quando ela entrou no táxi com o dramaturgo, a noite desmoronou-se, a possibilidade de beleza secou de repente e não pedi mais bebidas. Regressei a casa caminhando devagar, tentando encontrar algum vigor na fragrância da clorofila que derramava das árvores.

Entrei no apartamento e abri as janelas da sala. Podia contemplar a Lagoa e, mais acima, a estátua do Cristo que flutuava numa nuvem, cheio de luz, como a miniatura fluorescente de uma Nossa Senhora de Fátima numa cozinha portuguesa. Servi-me um copo de água gelada e escutei a sinfonia da mata ali tão perto: folhagem, animais, rumores que desconhecia.

Tinha a certeza de que Ricardo, o amigo português que me emprestara a casa enquanto viajava pelo México, guardava substâncias alteradoras da consciência. Na casa de banho encontrei preservativos, cremes hidratantes, um anel vibratório e outros produtos de beleza e fruição. Numa bolsa descobri um naco de maconha e calmantes.

Enrolei e fumei uma ganza. Tomei uma pílula para relaxar e dilui-me no sofá. A mata já não era uma ameaça mas uma canção de embalar. Os insetos nunca tocaram música tão encantadora. As árvores nunca suspiraram assim. Não sonhei com nada. Nem sequer com Margot.

Manhãs frias no hemisfério sul

Olhei para o relógio do telemóvel. Sete da manhã. Tentei enrolar-me no lençol e voltar ao âmagô do sono, onde não corria perigo, mas a luz já entrava pelo quarto e eu ainda estava no fuso horário de Lisboa.

Levantei-me e desci o Alto Leblon na bicicleta de Ricardo. Tinha decidido que, nos primeiros dias no Brasil, não faria nada. Em Portugal ninguém sabia da minha viagem e o meu contacto carioca também desconhecia a minha presença no Rio. Queria aproveitar o tempo livre para conhecer a cidade e rever o conteúdo da encomenda que, em breve, deveria entregar numa casa em Santa Teresa.

Fazia frio para os cariocas. Eu vestia bermudas, *t-shirt* e havaianas, mas os homens usavam casacos e as mulheres cachecóis. Deslizei pela calçada do Leblon, pedalando devagar, sentindo os pequenos tremores de terra sempre que um ônibus galopava em excesso de velocidade. Sentei-me na esplanada da cafetaria Rio-Lisboa. Pedi um suco de laranja, um misto quente e um café com leite. Tudo parecia novo e eu precisava muito da novidade – essa impressão que começara logo à chegada, no aeroporto, na existência de ascensoristas que apertam o botão por nós, no cheiro a gás desprendido pelos táxis que esperam gringos a caminho de Copacabana, na rudeza do cimento e do tijolo da paisagem entre o aeroporto e a Zona Sul da cidade – um Lego de favelas a perder de vista, feito de barracos, antenas parabólicas e depósitos de água nos terraços.

No dia em que cheguei ao Rio, o locutor da rádio relatava uma operação policial e o taxista informou, apontando para a favela: “Foi lá.” O locutor falou de um tiroteio e de mortos e feridos. Talvez porque chovesse ou porque imaginei homens com armas, os meus tendões ficaram em alerta, olhei para trás. Portugal estava ainda demasiado perto.

Na cafetaria Rio-Lisboa, tomando o pequeno-almoço, decidi que queria conhecer bem a cidade, saber o nome das ruas e descodificar os hábitos, aprender os caminhos mais curtos sem precisar de um mapa. Procurei concentrar-me no prazer da descoberta, esse burburinho no sangue curioso sempre que chegamos a outro país, a aprendizagem dos códigos de conduta, dos produtos no supermercado, da gíria de bar, de paquera e de malandragem.

Pedalei pela calçada até Ipanema, passei pelo Arpoador, saltei da bicicleta e entrei nas galerias River. No estúdio de tatuagens, os artistas conversavam sobre futebol e sobre uma gatinha surfista que “deu pró cara da sapataria”. No Rio, as mulheres dão e os homens comem. É uma cómica ilusão de poder.

O tatuador tinha marcas de bexigas na cara e perguntou-me sobre a crise na Europa – daí em diante, em botecos, jantares, festas privadas e *shows* de *rock*, toda a gente me perguntaria sobre a crise na Europa. Disse-lhe que sim, que a malta estava aflita, que muitos compatriotas saltavam do barco, que o Rio de Janeiro e São Paulo engordavam de emigrantes lusitanos como acontecera muitas vezes ao longo do século passado.

Não era a minha primeira tatuagem. Sabia o que me esperava. Escutei o som da agulha elétrica. Não doía muito. Quando terminou o trabalho, o tatuador perguntou: “Esse desenho tem algum sentido especial?”

Respondi: “Não.” Dizia a verdade.

Na rua, o Rio conspirava para me foder o ânimo com uma meteorologia de chuva, vento e uma frente fria que enalharda na baía de Guanabara. Pedalei na orla, forçando-me contra a atmosfera pastosa que impedia a velocidade da bicicleta. Fiquei encharcado e os músculos das pernas incendiaram-se com o esforço. Passei numa farmácia para comprar sabonete neutro e pomada cicatrizante. Em casa tomei um duche, passei pomada na tatuagem e voltei a envolvê-la em película aderente. Fumei o resto de um charro que encontrei num cinzeiro e adormeci no sofá sob o efeito da erva. Quando acordei, a pele latejava no antebraço e o sangue libertava-se da tatuagem para o plástico. Também tinha uma mancha na *t-shirt*. Era agradável a dor, algo cicatrizava em mim.

Lavei a cara, bebi café e fui abrir a encomenda.

Sobre a dilatação dos corpos em dias de calor

No primeiro dia de sol e céu limpo, continuei a minha exploração da cidade. Saí de bicicleta para o calçadão e fui do Leblon ao Leme, aproveitando a frescura das manhãs, inalando o salitre e a brisa aromatizada por cremes de proteção solar. Pedalava com música nos fones, e o efeito da maconha, fumada após o café da manhã, encaixou as canções na banda sonora dos meus dias cariocas. O futuro começava devagar, é verdade, mas porque que eu queria. Tudo funcionava em câmara lenta apesar da agilidade da bicicleta. Passava pelas pessoas como se transportasse uma câmara de filmar: a pura beleza das imagens, o prazer de ver, a euforia da novidade. Não valia a pena fugir ao lugar-comum: o Rio de Janeiro, estilizado pela maconha e pela liberdade de pedalar, continuava exuberante e lindo, o melhor cenário para o videoclip em movimento em que se tinham tornado as minhas manhãs.

Ficava feliz apenas por ver. Não precisava de tocar ou perguntar. Assobiava com muita frequência, por vezes fados corridos, outras vezes composições de Gershwin ou Jorge Ben Jor. Bastava que rolasse no asfalto todas as manhãs, cansando os músculos e observando a população local, para que o resto do dia fosse tão melodioso como um fiozinho de morfina. Talvez um cientista pudesse explicar melhor a felicidade de certas áreas do meu cérebro durante esses passeios. Talvez pudesse enfiar-me numa máquina magnética e mostrar, no ecrã do computador, as cores quentes que iluminavam a massa que antes fora cinzenta: fogos-de-artifício na cabeça, raios *laser* na cuca, o lítio incandescente do sol a fazer-me feliz.

Prendi a bicla num poste e fui mergulhar na Praia do Diabo. Queria ser enrolado, empurrado contra a areia, queria emergir no meio da espuma mais revolta para sentir o mar puxando-me pelos colarinhos. Ficava sempre mais lúcido e com os sentidos mais afiados após um mergulho. Quando saí da água, uma nuvem perdida do rebanho tapou o sol e os pelos dos braços eriçaram-se. Depois a luz regressou e a pele molhada foi aquecendo, a areia secando nos pés, o sal esbranquiçando os cabelos. Regressei ao calçadão e rocei-me no rasto dos cariocas e dos visitantes: velhos de pele negra e curtida empurrando gelo em carretas, americanos do *jogging* e dos

iPods, um bando de estudantes magras matando aulas e mostrando as pernas na esplanada de um quiosque, ciclistas sem as mãos no guidador, equilibristas flutuando entre dois coqueiros, corpos e mais corpos, pele multicolor, pouca roupa e as altas temperaturas dilatando toda a matéria combustível.

No Posto 11, a minha visão, instigada pela lascívia da maconha, focou-se apenas nos detalhes: as pernas de uma *skater*, a escuridão que estranhamente reluzia na pele de uma preta cor de pantera, o osso de uma omoplata tatuada, a boca sem batom da *hippie* que vendia pulseiras, um caleidoscópio imparável de tentações, propaganda agindo sobre as minhas hormonas. Percebi que a minha determinação em ver, sem tocar ou provar, tinha as horas contadas. Dizem as estatísticas que o crime aumenta nas grandes cidades nos dias de calor. A sacanagem também.

Fumei a ponta de um baseado no Posto 12 e, chegado ao prédio, entrei no elevador de serviço com areia nos pés. Tinha-me esquecido das havaianas na praia. Tentava vestir a *t-shirt* quando uma mulher alta, mais alta do que eu, entrou no elevador com o saco das compras. Perguntei, ainda com a cabeça escondida no tecido da *t-shirt*:

“Que andar?”

“Onze.”

“Então estou por cima de ti.”

Quería esconder-me, rebobinar a cena.

“Quer dizer, estou no andar de cima, na cobertura. Não literalmente por cima de ti.”

“Entendi. Você é português?”

“Sou.”

“É o primeiro português que conheço que fuma maconha.”

Dei-me conta de que tinha ainda o cheiro meloso da erva entranhado nos cabelos e no tecido da *t-shirt*, escorrendo na pele.

“Nota-se muito?”

“Só em ambientes fechados e extremamente exíguos.”

“És advogada?”

“Imagina.”

O elevador parou. Ela saiu e, lá fora, olhou para os meus pés descalços:

“Você se adapta rápido com os costumes indígenas. Passa lá em casa um dia e fumamos um bique. Bem-vindo ao Rio, vizinho.”

As portas fecharam.

Entrei no apartamento de Ricardo e sentei-me no parapeito da janela. O sol lambia as paredes da casa, aquecendo tudo. Os calções ainda molhados do mar, a imagem da mulher alta, o sal na minha pele e a temperatura subindo a cada minuto que permanecia junto da janela empurraram-me para o quarto: despi os calções e ouvi a mata. Esperei que um martelo se calasse no prédio ao lado e pensei na mulher do elevador. Cresci sem precisar de me tocar. Imaginei-a ali, na cama, a meu lado, uma alça do vestido tombada sobre o mamilo, os seus dedos entrando na boca para levarem um fio de saliva até ao bico do peito, as suas coxas apertadas contra a minha perna, um passeio a passo, depois a trote e por fim a galope, a galope, a galope. Também pensei em Margot, mas distraí-me com o martelo que regressou durante uns instantes. Voltei a imaginar a mulher do elevador e continuei.

O meu coração era um galgo de corrida.

Eu bebo, sim, e estou vivendo

Conhecia bem o conteúdo da encomenda, passara tardes de volta dela. Sabia o que tinha trazido de Lisboa. Abri uma cerveja e olhei para a caixa em cima da mesa do escritório. Havia sempre um baseado perdido e fui encontrá-lo na primeira gaveta. Dei ordem de fogo e puxei o fumo, esperei que dilatasse os pulmões, libertei-o para o teto. O ar ficou mais denso. Tudo o resto ficou mais meigo. Desapareciam as arestas e as quinas. Tinha chegado da praia havia mais de uma hora e passara todo esse tempo analisando a encomenda. Agora queria fumar, beber uma cerveja, relaxar ao lusco-fusco.

A encomenda tinha ainda restos de Lisboa, pedaços dos últimos dias naquela cidade.

Levantei-me rapidamente do sofá e quase perdi os sentidos. Vi explosões micro, luzinhas múltiplas. A erva não era boa amiga da minha tensão baixa. Comi um chocolate e bebi chá gelado. Tentava esquecer-me dos dias de Lisboa. Nunca mais tinha lido um jornal

português, evitava abrir o *email*, quanto menos informação me chegasse menos me lembraria do que ficara para trás. E, no entanto, pensava muito no meu pai, no meu irmão. Talvez um dia perdesse a vergonha do fracasso e lhes dissesse onde estava, o que tinha feito, porque fugira. Faltava-me ainda a coragem.

Liguei o iPod do Ricardo ao aparelho de som. Escolhi *Brasil Pandeiro* e abri nova cerveja. O violão fez-me balançar um pouco. Olhei pela janela e alguém, no prédio da frente, olhava para mim. O homem no apartamento do outro lado da rua celebrou os meus passos de dança erguendo a sua garrafa de cerveja. Brindámos, de longe. Ouvia-se uma voz feminina nas colunas de som cantando “Chegou a hora de essa gente bronzeada mostrar seu valor” quando tocou a campanha.

Era a mulher alta que conhecera no elevador. Tinha um baseado atrás da orelha e vinha acompanhada de uma amiga com cabelo curto e sorriso de atriz de comédia romântica. Convidei-as a entrar e a mulher alta disse: “Vou botar isso na geladeira”, correndo para a cozinha como se, em vez de uma garrafa de *vodka*, carregasse um ferido de guerra. A outra, que sorria como nas capas de revista, penteada como um rapazinho, disse: “Você tem cara de peixe fora de água faz três dias.” E atirou-me um frasquinho azul, dizendo: “Quem não tem colírio usa óculos escuros.”

“O quê?”, perguntei.

“Não conhece a canção?”

Não conhecia, mas isso também não importava nada porque ela avançou para o iPod, despejei colírio nos olhos vermelhos da erva e a mulher alta apareceu com três copos de *vodka*: “Sou a Júlia. Essa é a Juliana. Ela está regressando de Londres depois de dez anos vivendo na Europa. Hoje queremos celebrar. E, como você me pareceu muito sozinho no elevador, resolvi convidá-lo para vir com a gente.”

Sabia que devia fumar menos erva e desconfiar da bondade dos estranhos. Tentei colar os nomes nas caras para não me esquecer. Júlia & Juliana. Bebi um *shot* de *vodka* e já não tinha certeza de qual era Júlia e qual era Juliana. Fui tomar um duche. Elas ficaram na sala. Vesti uns *jeans* e enfiei-me numa *t-shirt* com o Darth Vader e a frase: “*I’m beautiful inside.*” Sentia-me capaz de marchar pelo Rio de Janeiro noite fora.

Na viagem de táxi, fiquei no meio, no banco de trás, uma orelha atenta às notícias na rádio a outra captando a troca de informações entre Júlia & Juliana:

“Você já viu esse aplicativo do iPhone que faz filmes super 8?”

“É muito maneira. Você viu as fotos de Angra que botei no Face?”

Os iPhones brilhavam nas suas mãos de mulheres com capacidade para desempenhar múltiplas tarefas em simultâneo. Elas viam vídeos, atualizam *status*, mandavam *emails*, procuravam endereços de festas, ao mesmo tempo que conversavam sobre pedicuras, peças de teatro, *personal trainers*, a nova exposição no MAM e a falta de machos heterossexuais no Rio. Pensei que talvez devesse ter escolhido o banco ao lado do taxista, onde estaria a salvo dos danos colaterais da troca constante de informação. Júlia convenceu-me de que estava no banco certo: tocou a minha tatuagem nova e disse: “Não tenho nenhuma, mas ela tem várias. Mostra para ele, Juliana.”

Seguindo prontamente a ordem da amiga, Juliana virou-se de costas, passando a mão pela nuca, subindo depois pelo cabelo curto e loiro, revelando uma *pin up* miniatura desenhada na base do pescoço: uma mulher com meias de renda, ligas e corpete. Havia mais tatuagens e Juliana estaria disposta a contar a história de cada uma delas, mas o táxi parou e a conversa perdeu-se – e, de repente, já estava a cumprimentar pessoas numa mesa sem que pudesse aspirar a lembrar-me dos seus nomes na manhã seguinte.

Era o mesmo boteco onde vira Margot pela primeira vez. Ela não estava. O dramaturgo passou por lá com um amigo. Júlia & Juliana bebiam caipivodkas de tangerina e eu virava cachaças. Fiquei embriagado mais depressa do que gostaria e mantive-me algum tempo a olhar o espelho da casa de banho, esperando a aparição dos cabelos negros de Margot. Passei a cara por água e atravessei o boteco tentando não tropeçar nas pessoas. Júlia & Juliana estavam prontas para sair dali. Eram mais jovens, mais enérgicas e tinham iPhones que as guiavam certamente pelas várias encruzilhadas da noite. Faziam tudo a alta velocidade. Saltaram de uma festa na Lagoa para um *show* no Circo Voador, onde a minha cabeça alcoolizada tentou conciliar, na paisagem noturna, a lua em quarto crescente, as palmeiras, os arcos da Lapa e os arranha-céus espelhados do Centro que me pareciam naves espaciais. Tudo era original, bonito, ainda sem consequências. Estava-se bem.